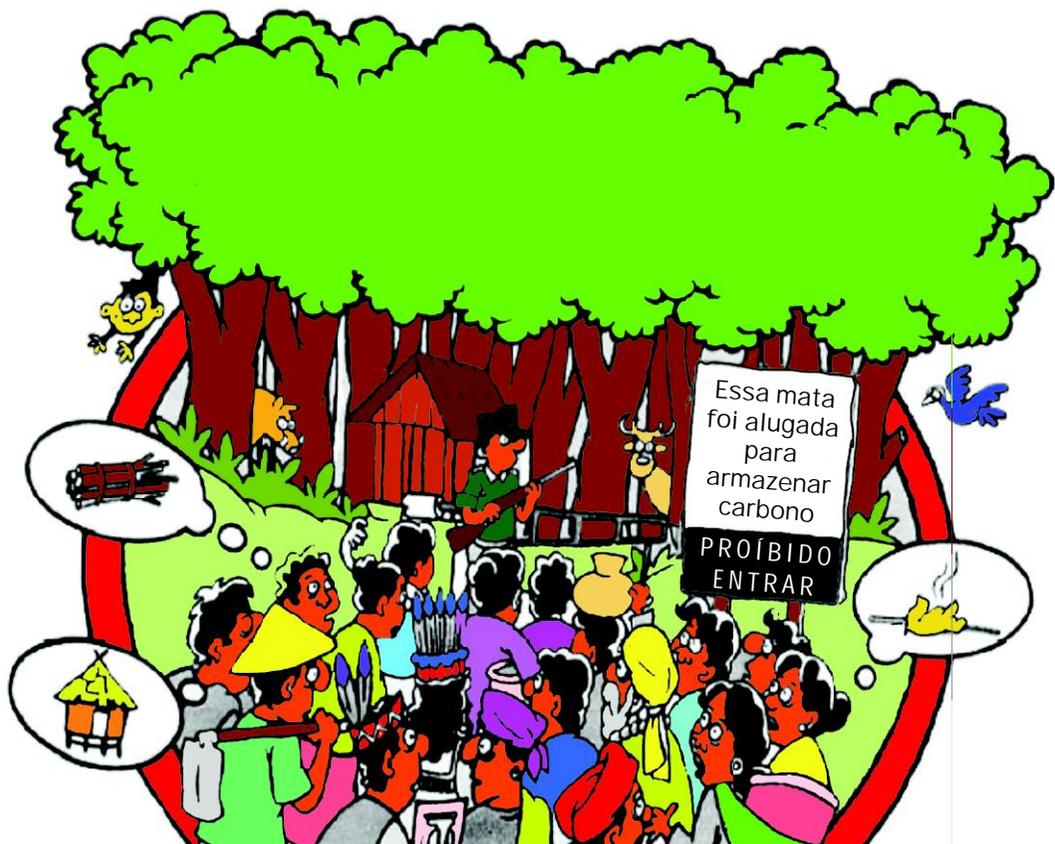


10 ALERTAS REDD

sobre
para COMUNIDADES



Sobre esta cartilha

O objetivo principal desta cartilha é informar às comunidades sobre os graves problemas que um projeto REDD costuma causar para os sujeitos envolvidos. O WRM tem visitado várias dessas comunidades nos últimos anos. Elas, sem exceção, têm muita coisa para contar. Foi isso que nos motivou a escrever esta cartilha: compartilhar experiências com outras comunidades que correm o risco de também serem afetados por um projeto REDD.

O WRM acredita que o intercâmbio de informações é de suma importância para que comunidades possam saber mais sobre os possíveis impactos por parte de quem já os sofreu, antes de decidir se vão aceitar ou não esse tipo de projeto.

Boa Leitura!

Equipe do WRM

Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais

WRM, 2012

Edição: Luciana Silvestre Girelli

Agradecimentos: Fabrina Furtado e Jutta Kill

Esta cópia foi possível com o apoio da

■■■ HEINRICH
BÖLL
STIFTUNG



Introdução

Cerca de 300 milhões de pessoas no mundo, como mulheres e homens indígenas, extrativistas, camponeses e outras populações tradicionais, dependem diretamente das matas tropicais para sua sobrevivência. A vida dessas pessoas tem se tornado cada vez mais difícil. Seus territórios têm sido e continuam sendo invadidos e saqueados por madeireiras; empresas em busca de minérios, petróleo, gás e carvão mineral; fazendeiros e empresas que querem criar gado ou plantar monoculturas de árvores ou alimentos e empresas que querem construir grandes hidrelétricas para vender energia. Dessa maneira, já se desmatou muito, causando uma grande destruição, muitas vezes, com apoio dos governos.

Os planos desses governos para evitar o desmatamento não têm dado muito resultado, ao contrário. Muitas vezes, eles criam ainda mais problemas para as comunidades que dependem da mata. Por exemplo, comunidades têm sido expulsas de seus territórios em função da criação de parques naturais ou outras áreas de proteção ou conservação.

Cerca de 300 milhões de pessoas no mundo, como mulheres e homens indígenas, extrativistas, camponeses e outras populações tradicionais, dependem diretamente das matas tropicais para sua sobrevivência. A vida dessas pessoas tem se tornado cada vez mais difícil. Seus territórios têm sido e continuam sendo invadidos e saqueados por madeireiras; empresas em busca de minérios, petróleo, gás e carvão mineral; fazendeiros e empresas que querem criar gado ou plantar monoculturas de árvores ou alimentos e empresas que querem construir grandes hidrelétricas para vender energia. Dessa maneira, já se desmatou muito, causando uma grande destruição, muitas vezes, com apoio dos governos.

Os planos desses governos para evitar o desmatamento não têm dado muito resultado, ao contrário. Muitas vezes, eles criam ainda mais problemas para as comunidades que dependem da mata. Por exemplo, comunidades têm sido expulsas de seus territórios em função da criação de parques naturais ou outras áreas de proteção ou conservação.

A mais nova proposta que os governos estão promovendo para evitar a destruição da mata é chamada REDD ou REDD+, palavrinhas que muita



Cerca de 300 milhões de pessoas no mundo, como mulheres e homens indígenas, extrativistas, camponeses e outras populações tradicionais, dependem diretamente das matas tropicais para sua sobrevivência. A vida dessas pessoas tem se tornado cada vez mais difícil. Seus territórios têm sido e continuam sendo invadidos e saqueados por madeireiras; empresas em busca de minérios, petróleo, gás e carvão mineral; fazendeiros e empresas que querem criar gado ou plantar monoculturas de árvores ou alimentos e empresas que querem construir grandes hidrelétricas para vender energia. Dessa maneira, já se desmatou muito, causando uma grande destruição, muitas vezes, com apoio dos governos.

Os planos desses governos para evitar o

**Mas será que um projeto REDD
é bom mesmo para a comunidade
como um todo?**

**Será que vai abrir as portas
para uma vida melhor?**

Uma proposta que vem de fora, de “cima para baixo”

REDD é uma palavrinha que, na verdade, é uma sigla em inglês. Essa simples constatação mostra que se trata de uma proposta que não vem de nenhuma comunidade, de nenhum povo que vive ou depende da mata. Ao contrário, é uma proposta que vem de fora, de “cima para baixo”, como, por exemplo, as monoculturas de eucalipto e soja, a mineração, as grandes hidrelétricas, e outras mais.

Para que atividades propostas no território de uma comunidade possam beneficiá-la, é fundamental que essas propostas sejam construídas pelos membros da comunidade. Não devem ser impostas de fora. Esse é o primeiro grande problema do REDD.



Uma proposta que implica restrições e proibições para as comunidades

Como os parques naturais ou as áreas de “proteção”, um projeto REDD também significa uma série de restrições e proibições para as comunidades, para seu modo de vida e formas de uso tradicionais da mata. Isso às vezes envolve parte do seu território, às vezes todo o seu território.

Por exemplo, em comunidades que convivem com um projeto REDD, é comum proibir que membros da comunidade cortem uma árvore para fazer uma canoa ou uma casa, e também de caçar e pescar. Às vezes, se proíbe também de fazer coleta de produtos da floresta como frutas, plantas medicinais e alimentos. Quem se atrever a fazer uma dessas coisas pode contar com a perseguição da polícia ou de um guarda privado do próprio projeto REDD.

Os projetos REDD costumam determinar que mulheres e homens de comunidades não podem mais usar as florestas como usavam antes. Isso significa uma violação da sua cultura, tradição e modo de vida. Não podem mais ser o que eram antes da implantação do REDD.



REDD ameaça a soberania alimentar

Uma das atividades que sempre costuma sofrer restrições é fazer roça na mata, uma atividade essencial para a grande maioria das comunidades. Às vezes, o que ainda é permitido é alguma forma de agricultura permanente, num único lugar já desmatado. Mas, em alguns casos, nem isso é permitido.

Proibir a comunidade de produzir seu próprio alimento do seu modo não só desrespeita seus costumes e conhecimento tradicional, mas ameaça também a sobrevivência e a soberania alimentar, ou seja, a capacidade de produzir seu alimento, hoje e futuramente, e de contribuir com a alimentação do povo da região onde vive.



REDD significa ter controle sobre o território das comunidades

Os que promovem os projetos REDD querem ter o controle sobre a área do projeto, pois precisam comprovar, para aqueles que os financiam, que o desmatamento na área foi reduzido e que o “perigo” proporcionado pela comunidade foi controlado.

Em outros períodos, as madeireiras saqueavam a madeira dos territórios das comunidades para fazer lucro. Ao invés disso, os promotores do REDD deixam as árvores onde elas estão, mas possuem o mesmo objetivo de acumular dinheiro.

Isso ocorre porque há o que eles chamam de carbono armazenado nas árvores. Argumentam que o carbono que é liberado quando se queima a árvore é parecido com o carbono que é liberado quando empresas queimam, por exemplo, o petróleo, e o que faz o clima mudar.

Governos e empresas justificam que podem continuar queimando o petróleo, sem que isso afete o clima, se eles pagarem alguém para não liberar carbono. Por isso, agora há empresas interessadas em “comprar”



Os que promovem os projetos REDD querem ter o controle sobre a área do projeto, pois precisam comprovar, para aqueles que os financiam, que o desmatamento na área foi reduzido e que o “perigo” proporcionado pela comunidade foi controlado.

Em outros períodos, as madeiras saqueavam a madeira dos territórios das comunidades para fazer lucro. Ao invés disso, os promotores do REDD deixam as árvores onde elas estão, mas possuem o mesmo objetivo de acumular dinheiro.

Os que promovem os projetos REDD querem ter o controle sobre a área do projeto, pois precisam comprovar, para aqueles que os financiam, que o desmatamento na área foi reduzido e que o “perigo” proporcionado pela comunidade foi controlado.

Em outros períodos, as madeiras saqueavam a madeira dos territórios das comunidades para fazer lucro. Ao invés disso, os promotores do REDD deixam as árvores onde elas estão, mas possuem o mesmo objetivo de acumular dinheiro.

Isso ocorre porque há o que eles chamam de carbono armazenado nas árvores. Argumentam que o carbono que é liberado quando se queima a árvore é parecido com o carbono que é liberado quando empresas queimam, por exemplo, o petróleo, e o que faz o clima mudar.

Governos e empresas justificam que podem continuar queimando o petróleo, sem que isso afete o clima, se eles pagarem alguém para não liberar carbono. Por

2 - <http://www.redd-monitor.org/2012/09/11/controversy-surrounding-australias-kalimantan-forest-and-climate-partnership-redd-project-deepens/#more-12901>



O projeto REDD costuma criar divisão na comunidade

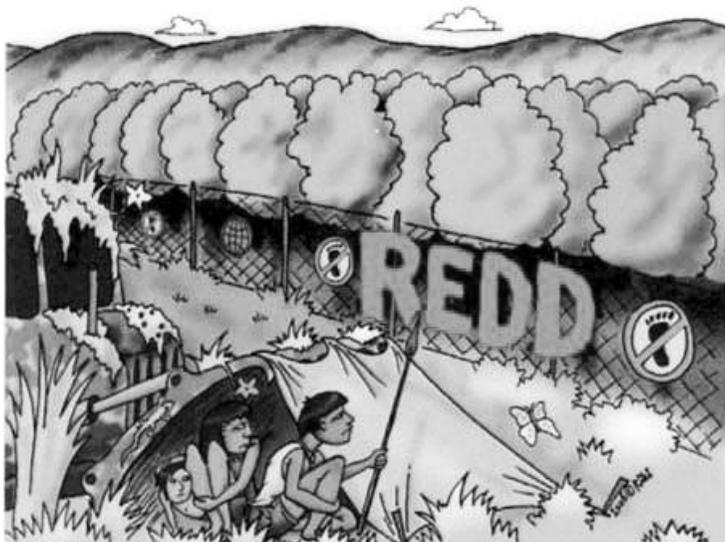
Para ganhar o apoio da comunidade e evitar que ela continue usando a floresta como antes, os promotores do REDD costumam oferecer algo em troca para a comunidade, por exemplo, emprego, dinheiro ou financiamento para um projeto social. Seria uma maneira de compensar as perdas sofridas pelo fato de não poderem mais usar a mata.

Os projetos REDD costumam empregar pessoas da própria comunidade para que sejam guardas florestais. Sua tarefa é vigiar outros membros da comunidade para ver se estão contrariando as “regras” impostas pelo projeto de proibição do corte de árvores, da caça e pesca e do cultivo da roça na mata. O REDD coloca um contra o outro, um para vigiar o outro.

Outro problema pode surgir quando os promotores do REDD oferecem dinheiro para a comunidade e costumam criar ou exigir a existência de alguma organização comunitária para administrar os recursos. A criação de uma nova organização como resultado da imposição do projeto REDD costuma causar conflitos com a organização tradicional da comunidade.

Para ganhar o apoio da comunidade e evitar que ela continue usando a floresta como antes, os promotores do REDD costumam oferecer algo em troca para a comunidade, por exemplo, emprego, dinheiro ou financiamento para um projeto social. Seria uma maneira de compensar as perdas sofridas pelo fato de não poderem mais usar a mata.

Os projetos REDD costumam empregar pessoas da própria comunidade para que sejam guardas florestais. Sua tarefa é vigiar outros membros da comunidade para ver se estão contrariando as “regras” impostas pelo projeto de proibição do corte de árvores, da caça e pesca e do cultivo da roça na mata. O REDD coloca um contra o outro, um para vigiar o outro.



O projeto REDD não ajuda a resolver problemas comuns das comunidades

Os promotores do projeto REDD só têm um único objetivo central: “vender” o carbono. Por isso, eles argumentam que o desmatamento pelas comunidades precisa ser controlado, evitado. Só assim conseguem fazer dinheiro com o projeto.

Significa que o projeto não vem resolver problemas comuns em muitas comunidades, como a falta de reconhecimento dos direitos sobre o território ou problemas nos serviços da saúde, educação, transporte, comercialização da produção comunitária, ou seja, a falta de políticas públicas de qualidade. Esses problemas, que costumam existir há muito tempo na comunidade, não serão resolvidos e nem são de responsabilidade do projeto REDD.

Por isso, ouvimos muitas vezes das comunidades que, depois que o projeto REDD foi implementado, a vida piorou porque ele impõe restrições às pessoas, beneficia a poucos e não resolve os principais problemas da comunidade.

O projeto REDD ameaça a permanência da comunidade

Comunidades que vivem numa área escolhida para um projeto REDD são vistas como um “problema”. Elas são “conscientizadas”, convencidas de que precisam preservar a floresta, mudar seu modo de vida. Mas cuidar da mata é exatamente algo que já sabem fazer e sempre fizeram e não precisam de “aulas” sobre esse tema.

Se as comunidades não seguem as regras impostas pelo projeto, as pessoas costumam ser perseguidas, perdendo sua autonomia e liberdade. A comunidade como um todo perde com isso. As famílias, se sentindo mais isoladas, com medo e sem condições de trabalhar, começam a buscar alternativas fora da comunidade, geralmente na cidade. Com isso, as pessoas começam a sair e a comunidade se enfraquece.

O projeto REDD não vai evitar a destruição da mata

Os projetos REDD são realizados numa determinada área de mata. O que acontece fora desse espaço continuará, dando lugar à mineração, exploração de petróleo, grandes hidrelétricas, monoculturas, pasto, etc. Muitas vezes, as comunidades se perguntam: porque não tentam evitar esse desmatamento?

E quem financia o projeto REDD? Além de governos, incluem-se indústrias poluidoras que querem mostrar que “compensam”, de alguma forma, sua poluição em outro lugar. Mas o problema é que, se essa poluição continua, o futuro das florestas continua ameaçado com as mudanças no clima. Além disso, as matérias prima que essas indústrias necessitam, como minerais, petróleo, carvão mineral e eletricidade de grandes hidrelétricas, vêm muitas vezes de áreas com matas, causando mais destruição, incêndios florestais, mudanças no clima. As empresas continuam poluindo e desmatando, mas com REDD podem dizer que não têm problema porque elas injetam dinheiro em projetos e áreas onde o desmatamento estaria sendo “reduzido”.

Os projetos REDD não conseguem resolver esse ciclo de destruição. Na verdade, REDD é parte desse ciclo. Significa que o futuro das matas tropicais continua muito ameaçado, mesmo com o REDD.

Grandes empresas envolvidas em projetos REDD também têm interesse, como é o caso do próprio projeto REDD, em ter cada vez mais controle sobre os territórios que pertencem às comunidades para que, em algum momento no futuro, possam implementar seus projetos destrutivos.



Não são apenas as comunidades que dependem da mata que sofrem

Como dissemos antes, aquelas que financiam projetos REDD incluem empresas poluidoras, liberando o chamado carbono. Por exemplo, empresas que exploram petróleo no Canadá. Essas empresas afetam profundamente a vida de comunidades indígenas canadenses. A solução para isso seria parar com essa exploração e poluição lá. Mas não é isso que o projeto REDD propõe, ao contrário.

O projeto REDD propõe que empresas que poluem, por exemplo, no Canadá, podem “compensar” essa poluição financiando “florestas em pé” e evitando o desmatamento em outros lugares, como Brasil, República Democrática do Congo ou Indonésia.

Vemos então que não só povos e comunidades que vivem nas matas tropicais sofrem com projetos REDD. Muitas vezes, também sofrem comunidades distantes de lugares onde se localizam as empresas poluidoras que financiam o projeto REDD. Os indígenas canadenses que o digam.

O resultado final: uma injustiça muito grande

Nos projetos REDD em andamento, sempre vemos um pequeno grupo que consegue se beneficiar do projeto. Entre elas, por exemplo, grandes ONGs, técnicos do Estado, consultores. Elas se ocupam da coordenação do projeto e das questões “técnicas” como verificar se, de fato, o desmatamento foi evitado. Muitas podem entrar nos territórios das comunidades quando querem.

Também as empresas poluidoras se beneficiam quando financiam um projeto REDD porque podem continuar poluindo ou poluir ainda mais e dizer, ao mesmo tempo, que têm esse “direito” porque estão preservando a mata, a natureza, mas em outro lugar.

A comunidade que sempre cuidou e conviveu com a mata, na sua grande maioria, não é ou é pouco beneficiado. E mais: a comunidade é acusada de desmatar enquanto as empresas poluidoras não são. E ainda costuma ser punida se quiser tentar manter seu modo de vida que depende da mata. E ainda por cima correm o risco de ser expulsos do lugar onde sempre viveram.

Como combater a grande poluição e conservar as matas tropicais?

Por um lado, não é difícil de entender o que é REDD. As comunidades afetadas por projetos REDD costumam entendê-lo facilmente dizendo que há um problema de poluição num lugar distante da sua comunidade e que os promotores do REDD estão tentando resolver esse problema dentro do território da comunidade, ou seja, dentro da sua “casa”. Por isso, aquelas que sofrem com um projeto REDD costumam sugerir que o problema da poluição seja resolvido lá onde surgiu, e não no seu território, causando mais problemas para elas.

Veja o depoimento de um afetado por um projeto REDD no Brasil:

“agora nós também imprensados aqui para mandar [o carbono] para lá. Aí que tá errado. Eles que acabaram lá que façam lá. Sofremos aqui para poder ajudar eles de lá”³

O que talvez seja difícil ou até impossível de entender em relação ao REDD é como empresas poluidoras

3 - <http://www.fern.org/pt-br/publications/briefing-note/sofremos-aqui-para-ajuda-los-la>

podem afirmar que evitando o desmatamento num lugar daria a elas a permissão de continuarem poluindo ou destruindo num outro lugar? Essa parte da história está realmente mal explicada e isso também é bastante simples porque carece de lógica. Como a poluição em um lugar pode ser compensada por uma atividade a milhares de quilômetros de distância? E ainda por cima resultar em novos negócios, como a compra e venda daquele carbono, com o chamado mercado de carbono?



Uma solução lógica e bem mais simples e sensata para os grandes problemas de poluição seria parar a poluição onde ela está surgindo. Sabe-se também que a melhor forma de cuidar da mata é garantir aos povos da floresta e demais comunidades que dependem dela seus direitos territoriais e de usufruto e apoiar, além de contribuir com suas formas de conservação e manejo do território.

Se é para resolver mesmo o problema de desmatamento, da destruição da mata, é preciso enfrentar e proibir suas causas diretas que são, por exemplo, as práticas de mineração, de construção de grandes hidrelétricas, estradas, de plantios de monoculturas em grandes extensões de terra e outras atividades destruidoras.

É também necessário mudar o grande consumo de todo tipo de produto e de energia por apenas uma minoria da humanidade, o que mais ocorre nas grandes cidades, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos. Tudo isso incentiva de forma indireta a destruição da floresta.

A boa notícia é que cresce no mundo inteiro a resistência contra REDD. Comunidades se organizam cada vez mais para garantir e reconquistar o controle e uso coletivo dos seus territórios. Um passo importante dessa luta é saber de outra comunidade o que realmente aconteceu com REDD. É saber que a luta é de várias comunidades, é saber que se juntando e se organizando é possível parar essa nova forma de destruição.

Seguem alguns links de filmes sobre o tema, sempre com depoimentos de pessoas já afetados por projetos REDD e que buscam defender suas terras:

O Alibi de Co2

<http://www.carbontradewatch.org/video/the-co2-alibi.html>

Sofremos aqui para ajuda-los lá

<http://www.fern.org/pt-br/publications/briefing-note/sofremos-aqui-para-ajuda-los-la>

Território em disputa: a Economia Verde versus a Economia das Comunidades.

<http://www.wrm.org.uy/temas/REDD.html>

A darker shade of green: REDD alert and the future of forests

em ingles:

<http://www.youtube.com/watch?v=FPFPUhsWMaQ>

em espanhol:

http://www.youtube.com/watch?v=KwHn4_fsKyA&feature=relmfu

A conexão de carbono

<http://www.carbontradewatch.org/carbon-connection/index.html>

Seguem também links para algumas declarações críticas sobre REDD:

Declaração da Aliança Mundial de Povos Indígenas e Comunidades Locais contra a REDD e pela Vida durante a conferência Rio+20

<http://www.redd-monitor.org/2012/06/19/no-redd-in-rio-20-a-declaration-to-decolonize-the-earth-and-the-sky/#po>

Declaração de representantes de povos indígenas, chamada Kari-Oca 2 , durante a conferência Rio+20

<http://indigenous4motherearthrioplus20.org/kari-oca-2-declaration/>



Movimento Mundial
pelas Florestas Tropicais
Outubro 2012

Maldonado 1858 - 11200 Montevideo - Uruguay
tel: 598 2 413 2989 / fax: 598 2 410 0985
<http://wrm.org.uy> - wrm@wrm.org.uy